



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

No ar, a 5ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Continuamos com aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨

Uma tarde inesquecível: visita ao CCJF emociona detentas do Instituto Penal Oscar Stevenson

Vem aí mais uma exposição no CCJF



As visitantes ouvem, atentas, a explicação de Vicente de Mello, artista da exposição *Toda Noite*, que ficou em cartaz no CCJF até julho

Um sopro de esperança em meio a tempos difíceis. Era por volta das 13h do dia 29 de julho, segunda-feira, quando um grupo selecionado de 10 detentas custodiadas do Instituto Penal Oscar Stevenson, localizado na cidade do Rio de Janeiro, chegou ao **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** para uma tarde cheia de cultura e arte. Elas, acompanhadas pela equipe da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (SEAP), foram



A exposição "*Corpo/Palavra*" de Mauricio Panel, que fica na Sala de Leitura da biblioteca do CCJF entre os **dias 3 de setembro e 3 de novembro (de terça a sexta)**, celebra a linguagem da colagem nas artes visuais, destacando seu potencial expressivo e inovador.

Reunindo obras inéditas, a mostra inclui não apenas colagens tradicionais, mas também *sketchbooks* (bloco em branco para desenho usado por artistas como parte do processo criativo), vídeo-colagens e *assemblages* (montagem ou colagem em que o artista expressa seu imaginário), revelando como fragmentos

convidadas pela Direção do CCJF para conhecer o prédio histórico do Centro Cultural, localizado na Cinelândia. Durante a visita, tiveram a oportunidade de conhecer a história do lugar, a exposição *Toda Noite*, de Vicente de Mello, que ficou no local até o último dia 30 de julho, além de participar de uma edição especial, excepcionalmente fechada ao público, do evento *Crime & Cinema*, com curadoria de Simone Schreiber, desembargadora federal do TRF2, diretora-geral do CCJF e professora da UNIRIO e Thiago Bottino, advogado e professor de direito penal da FGV. O filme exibido foi o clássico brasileiro, *Central do Brasil* (1998, BRA, Walter Salles, 1h55min) que, a partir da relação dos personagens principais, Dora e o menino Josué, inspira a buscar uma perspectiva melhor, mais justa e acolhedora, dentro de cada um de nós, apesar das adversidades da vida. “Acredito que a visita das internas do Oscar Stevenson ao Centro Cultural representa a plena realização de nossos objetivos institucionais: promover os direitos humanos de todas as pessoas através de atividades culturais. Desejamos multiplicar cada vez mais tais iniciativas e somos muito gratos à SEAP pela parceria”, destaca Dra. Simone Schreiber.

Conhecimento, cuidado e inspiração em uma só tarde — Ao chegar ao Centro Cultural, em uma fila organizada, o grupo de mulheres aprendeu um pouco sobre a história do CCJF, apresentada pelo Setor Educativo. Deu tempo de reparar detalhes como a imensa porta de madeira esculpida no hall de entrada, os arabescos refinados das paredes e teto, e o grande vitral da deusa grega Temis, personificação da Justiça, que guarda a escadaria do CCJF. Após o lanche, as detentas foram recebidas pelo artista e fotógrafo Vicente de Mello, responsável pela mostra *Toda Noite*. Ele falou sobre sua inspiração durante o processo de criação das obras da exposição e a ideia de provocar interpretações variadas sobre cada imagem — a maioria com contrastes em preto e branco, como se fosse uma noite infinita e misteriosa. Ao final da explicação, ele presenteou cada uma com fotos delas mesmas, tiradas na hora por ele, com as obras da exposição ao fundo.



O grupo, no Teatro do CCJF, atento a fala de abertura da diretora-executiva, Daniela Pfeifer

de imagens e palavras podem se combinar para criar novas narrativas e significados.

A abertura do evento, gratuito, será no próximo **dia 31, às 15h**. Venha prestigiar!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas:

De terça a sexta das 14h às 17h

Gratuito

Após esse momento de verdadeiro exercício de autoconfiança, as detentas seguiram para a exibição do filme, no Teatro do CCJF, com curta abertura de Daniela Pfeiffer, diretora executiva do CCJF. Ainda tiveram uma rápida conversa com a convidada Simone Nacif, juíza criminal da Comarca de Nova Friburgo (RJ), sobre o enredo do longa-metragem. Ela aconselhou o público feminino a prestar atenção na questão do abandono dos dois personagens principais e as consequências que a cidade grande pode trazer para a população. “O que a cidade fez com essas pessoas e o que a viagem para o interior conseguiu resgatar na vida delas? O importante é se atentar no efeito que a desumanização da cidade traz para pessoa e a construção da humanização por conta do retorno do ente para família ou por meio do afeto recíproco entre duas pessoas. É a história de como nós podemos superar o abandono com o afeto”, salienta Simone Nacif, antes da exibição. Ao final do encontro, ela e a Dra. Simone Schreiber ouviram as visitantes, emocionadas, sobre a visão delas sobre o filme, e reforçaram a importância da força de vontade para conseguir se redimir de más escolhas e reconstruir caminhos, incentivando as detentas a reescreverem suas histórias de vida. “Dora (Fernanda Montenegro) se revela como uma pessoa diferente a partir da convivência com o menino Josué (Vinícius de Oliveira). Ela consegue se redimir e se tornar uma pessoa melhor, muda sua maneira de ver o mundo. O filme mostra os desencontros da vida e os caminhos tortuosos que ela traz, porém é preciso sempre ter esperança de que esse caminho pode ser reconstruído. Que vocês tenham novas oportunidades na sociedade”, ressaltou a desembargadora.

A visita terminou em um clima de gratidão e esperança. Algumas dessas mulheres privadas de liberdade, inclusive, nunca tinham saído da prisão, desde que foram detidas. “Foi a primeira oportunidade que tive de fazer um passeio, adorei. Vou chegar energizada para dentro do presídio, não devo conseguir nem dormir essa noite. Na hora que estávamos vindo, minha pressão subiu porque fiquei muito emocionada. Gosto de aprender, a cultura é ótima. Quero poder passar isso para a minha neta, saindo de lá, vou trazê-la aqui”, prometeu M.A.C*, uma das detentas que participaram da tarde de imersão cultural. Outra visitante, D.S.F*, concorda e completa: “Para mim foi uma oportunidade única, até porque eu não sou da cidade do Rio de Janeiro, sou do interior. Então, talvez eu nunca tivesse essa oportunidade de conhecer um lugar tão maravilhoso, a arquitetura, a pintura, a história da fotografia e o filme...que vi de uma maneira diferente. Estar aqui é como se eu tivesse entrado em uma novela de época. Foi emocionante”, destaca. Para ela, a experiência expande os conhecimentos. “As pessoas nos receberam com um olhar diferente, com muito carinho, com respeito. Vamos voltar revigorada para o sistema prisional. Estou muito grata”, concluiu. Para Dra. Simone Nacif, quando essas mulheres voltam para o convívio em sociedade, a responsabilidade de ressocialização não é exclusiva das ex-detentas. Por isso, segundo a juíza, esses projetos são importantes. “São janelas de sol que se abrem. A arte realmente liberta, é uma liberdade não concreta de pensar, de sentir, de se sensibilizar e não nos perder da própria humanidade”, finaliza.

*Para segurança das entrevistadas, divulgamos apenas as iniciais dos nomes.

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar, além de computadores com acesso gratuito à Internet.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca e acessar a Internet a partir de nossos computadores locais.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**.



Programação do CCJF no WhatsApp



No dia 18 de julho, o harpista Jacques Vandevelde se apresentou com o pianista Leandro Turano no palco do Teatro do CCJF

Notas e emoções: as apresentações do XIX Rio Harp Festival

Durante todo o mês de julho, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** foi palco da 19ª edição do *Rio Harp Festival*, considerado o maior festival de harpas do mundo. Ao todo foram 20 apresentações de diversos artistas, com até três sessões diárias.

A receptividade do público foi excepcional, frequentemente lotando a Sala de Sessões. A atmosfera era tão contagiante que a plateia mal conseguia ficar parada ao assistir os shows. Era comum ver pés batendo no ritmo, mãos batucando nas pernas e cabeças balançando. As crianças e os adultos menos envergonhados dançavam ao som das canções. As palavras ouvidas entre um aplauso e outro sempre eram “espetacular” e “incrível”.

Entre os espectadores, os olhares encantados de Vania Maria de Almeida não passaram despercebidos. Ela, que já havia comparecido a outras sete apresentações do evento, veio prestigiar o harpista belga Jacques Vandevelde. "Achei sensacional, eu nunca tinha visto alguém tocar duas harpas ao mesmo tempo", destacou Vania.

Além da emoção do público, em uma das apresentações do festival, a harpista Aline Araújo tocou o coração de todos ao compartilhar sua trajetória e convidar sua mãe adotiva para cantar com ela uma canção. A audiência que já estava encantada com sua performance ao tocar uma harpa clássica mesmo sem praticar em uma por 3 anos, não se conteve ao saber de sua comovente história e cantaram em coro junto a mãe e filha.

Fique atento(a) a nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



A atriz Sura Berditchevsky no ambiente da biblioteca do CCJF

As cartas entre Drummond e sua filha, encenadas em um sensível monólogo

Um misto de cuidado, cumplicidade e amor. Em resumo, essa era a relação de Carlos Drummond de Andrade, considerado por muitos o mais importante poeta brasileiro do século XX, e a filha, a escritora Maria Julieta. Além disso, ambos partilhavam da mesma paixão: a escrita, símbolo da maior demonstração de amor entre os dois. O espetáculo solo *Cartas de Maria Julieta e Carlos Drummond de Andrade* encenado e dirigido por Sura Berditchevsky – com codireção de Fernando Philbert –, em cartaz no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** até dia 25 de agosto, propõe mergulhar na intimidade da relação familiar entre pai e filha. “Desde 2011, o espetáculo foi encenado nos mais variados espaços, grandes e pequenos, mas esse pouso na Sala de Leitura do Centro Cultural da Justiça Federal está sendo uma experiência muito significativa para mim. É como se o espetáculo tivesse essa identidade, essa cara. Me sinto no lugar certo, estou ali na biblioteca, entre os livros e em uma intimidade muito grande com o público que vai assistir”, conta Sura ao descrever como está sendo a temporada da peça no CCJF.

A partir da pesquisa de mais de um ano e a leitura da correspondência inédita do poeta e da sua única filha, a atriz interpreta as cartas trocadas entre eles durante 50 anos, seguindo a linha cronológica de uma vida inteira: infância, adolescência e vida adulta de Maria Julieta, desde os primeiros desenhos e bilhetes até cartas e crônicas. Com idealização de Pedro Drummond, neto do poeta, o monólogo tenta recriar a atmosfera do gabinete de trabalho dos dois escritores. Dentre os assuntos das correspondências, estão temas triviais até instigantes comentários sobre literatura, música, arte, cinema e o bairro de Copacabana, local em que Drummond viveu por um longo período. Sobre a concepção do espetáculo, Sura comenta que apesar de se basear na leitura das correspondências, também costuma utilizar recursos como animação gráfica,

documentos e a trilha sonora, que conta inclusive com músicas que os dois escutavam.

Na apresentação dentro da Sala de Leitura, a atriz diz que abriu mão de alguns recursos de plasticidade cênica para estar mais integrada ao ambiente da biblioteca. Mas isso não prejudicou o espetáculo, pelo contrário, só ampliou a troca com o público. “Veio para somar e levar junto ao público a proximidade e intimidade que a correspondência dos dois tem. É como se estivéssemos juntos revelando essa troca de afeto. A cada espetáculo é um dia novo, um público diferente...mas a reação de quem assiste é muito parecida no que diz respeito à emoção”, destaca a atriz, que completa: “de certa maneira, é como uma viagem no tempo na cidade do Rio de Janeiro, nos anos 1930, 1940, 1950”.

Após as sessões, é realizado um bate-papo com o público sobre o processo de criação (leitura das cartas, construção da dramaturgia e encenação). Venha conferir esse espetáculo imperdível que acontece todas às quintas, sextas e sábados, às 18h e domingos às 17h, até o dia 25 de agosto, na Sala de Leitura do CCJF. A classificação indicativa é 12 anos. Ingressos a R\$40 (meia, R\$20). Para compra antecipada, basta clicar [aqui](#).



A multiartista Cecília Salles, no Teatro do CCJF, acompanhada de Georgia e Luciano Camara, na percussão e guitarra flamenca

Nas águas de *Cecília in Tui*

Quem já precisou vivenciar um sonho — uma experiência profunda — para correr atrás de outro sonho, tão fundamental quanto o primeiro? Foi assim, decidindo surfar sozinha, no mar de Saquarema, Região dos Lagos do estado do Rio de Janeiro, que Cecília Salles, musicista e dançarina, concluiu que precisava construir um espetáculo criado apenas por ela, com elementos que a alma dela tivesse vontade de dizer. “Foi muito emocionante fazer esse movimento de começar a pegar onda sozinha, após algumas aulas. Isso me deu uma força e uma coragem que fazia tempo que eu não sentia. E lembro que uma vez, saindo do mar, depois de pegar uma onda linda, pensei

‘gente, porque eu tenho coragem de fazer isso mas não consigo subir em um palco sozinha, em um projeto só meu?’”, conta Cecília que costumava trabalhar de forma segmentada, no projeto de outras pessoas. Era coisa do destino, pois na mesma semana que foi sucumbida por esse pensamento, foi convidada pelo **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** para se apresentar por lá. Ela reprimiu o medo, e aceitou o convite. A partir daí foram quatro meses de processo criativo intenso, cujo resultado foi a bela produção do show *Cecilia in Tui*, uma apresentação plástica, sonora, performática e gestual, em que a artista mergulha em um lago afetivo e traz à superfície um roteiro inusitado que deságua nos ouvidos e olhos do público por meio da voz, piano, trombone e dança flamenca.

“Todos os dias, eu evocava as musas da criatividade e sacralizava muito esse processo e o tempo útil que eu tinha para poder trabalhar nessa construção. A sensação que dava é que era tudo muito caótico, mas ao mesmo tempo muito interessante, pois as coisas iam e iam fazendo sentido e depois, não mais. Com tudo isso, aprendi que não é caos, é cosmos. É a direção certa das coisas, é aceitar que as mudanças vão acontecer e aceitar esse fluxo, entendendo que para onde as águas realmente correm é que é o sentido mais importante”, ensina. A decisão sobre qual seria o nome do show é outra história interessante. A princípio, o projeto seria intitulado ‘Intuição’, mas durante o processo criativo, ela resolveu trazer a palavra ‘tui’, nome de um hexagrama do I Ching, oráculo chinês que a musicista tem muita afinidade e significa alegria. Ele é tão presente na vida dela que ela fez uma tatuagem desse símbolo que representa um lago espelhado, um lago sobre um lago. “Achei que foi muito acertada a escolha desse nome, porque intuição era uma palavra que estava meio desgastada, e o ‘in tui’ traz a possibilidade de duplo sentido, considerando também a conjugação do verbo intuir na terceira pessoa (intui)”, explica.

Show no CCJF – Após todo esse processo, Cecília se apresentou nos palcos do teatro do CCJF, no último dia 9 de julho. No show *Cecilia in Tui*, transmitido ao vivo pelo Youtube CCJF – ainda disponível no canal e com mais de 700 visualizações –, a multiartista aborda o elemento água como marco inicial de todos os sons. A imersão é o resultado do seu primeiro projeto solo, com direção de produção de Elissandro de Aquino (Viramundo Produções) e direção de movimento e dramaturgia de Eliane Carvalho (Studio Gesto). A apresentação no CCJF contou com a participação especial de Georgia e Luciano Camara, na percussão e guitarra flamenca, respectivamente. No programa, canções de autoria própria e compositores nacionais e internacionais, como Matthew Halsall, Melanie de Biasio, Ceumar Coelho e Nelson Cavaquinho.

No dia do evento, um desafio. O Centro do Rio de Janeiro ficou sem água, impossibilitando realizar o evento com público, por isso, a escolha – que depois se mostrou super acertada, segundo Cecília – em transmitir ao vivo pelo canal do YouTube. “A sala do CCJF tem 140 lugares e o vídeo tem mais de 700 visualizações. Então, foi uma felicidade muito grande ver o que aconteceu. Foi muito desafiador, mas ao mesmo tempo muito fluido. No final das contas, foi fácil pois o palco para mim é um

dos lugares mais confortáveis da vida. É muito contraditório dizer isso, mas é o que eu amo fazer, então os desafios ficam pequenos perto da realização que é estar em cena para mim”, conclui. Ainda há tempo de conferir tanta fluidez em formato de show. Clique [aqui](#) e assista.



Representatividade e ancestralidade na peça O Menino Omolu



Peça infanto-juvenil O Menino Omolu, nos palcos do CCJF

Em julho, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** também ofereceu uma experiência rica em entretenimento para as crianças e jovens com a peça *O Menino Omolu*.

O espetáculo infanto-juvenil apresenta ao público as dificuldades enfrentadas por um menino que se vê excluído do mundo devido a suas feridas ancestrais. A peça não só promove uma reflexão sobre como devemos tratar o próximo, como também mergulha na mitologia africana. Com uma proposta que combina teatro, dança e música, o espetáculo aborda temas como diversidade, inclusão e acessibilidade de maneira acessível, encantando e educando quem a assiste.

Com músicas e cores, o palco ganhou vida quando os atores entraram em cena. Utilizando-se da licença poética, a peça traz à tona Omolu, o Orixá que cura as dores e feridas do mundo. Na história, ele é adotado após ser abandonado à beira de um rio por sua mãe ao nascer, pois ela não o aceitou devido às marcas em seu corpo. Desde seu nascimento, Omolu enfrenta preconceitos por conta dessas cicatrizes.

Em vários momentos, os atores se dirigiram diretamente ao público para compartilhar experiências vividas por seus personagens, revelando as dificuldades enfrentadas para serem aceitos pela sociedade, seja pela cor da pele, religião ou maneira de ser. Essas interações levaram os espectadores a se conectarem e refletirem sobre cada história, incentivando a prática da empatia.

De acordo com Cynthia Esperança, diretora e idealizadora do projeto, a peça teve uma crescente de público durante a temporada, variando de 15 a 98 pessoas. Marco importante para eles, já que não obtiveram patrocínio e apoio para uma divulgação em massa. Ela afirma que o espetáculo foi abraçado por crianças, adolescentes e adultos. “Foi uma temporada muito bonita, importante para todas as pessoas da equipe. Esperamos voltar em breve!”, destaca Cynthia.

A espectadora Grazielle Nogueira, que esteve na plateia para prestigiar o espetáculo, compartilhou que sua relação com a espiritualidade – ela segue a religião de matriz africana Umbanda – ganhou outro sentido quando se deparou com a história da peça. Além de lembrar de Orixá, ela afirma que a narrativa a lembrou de sua infância, uma época em que se sentia insegura e envergonhada, principalmente por ser uma mulher negra. “A peça é para todas as idades e nos leva a lugares inimagináveis, representa um salto de positividade, felicidade e axé! Que possamos nos curar com a pipoca de Omolu!”, celebra Grazielle.



O poder da cultura como vetor de transformação social



por *Daniela Pfeiffer Fernandes*, diretora-executiva do Centro Cultural Justiça Federal e professora de Cinema das Faculdades Facha e Espm Rio

“É fundamental fazermos uma reflexão sobre formas de utilizar a arte e a cultura como ferramentas de transformação social, promovendo a democratização do acesso da população feminina encarcerada a diferentes atividades. ”

Gabriela tinha 28 anos quando foi presa. Diarista, negra, mãe de 3 filhos com idades entre 3 e 10 anos. Cometeu o crime de tráfico de drogas, responsável pelo encarceramento de 54% das mulheres, segundo dados do Sistema Penitenciário Brasileiro de 2022. Na prisão, dividiu a cela com dezenas de mulheres que estavam na mesma situação – vulneráveis, abandonadas à própria sorte. Afinal, sabe-se que o homem, quando é preso, costuma receber a visita da mulher toda semana, que ainda traz comida preferida dele. Já a mulher, quando é presa, não recebe o mesmo tratamento.

Trata-se de uma história fictícia, mas que reflete a realidade de muitas mulheres. O Brasil tem a 3ª maior população feminina encarcerada do mundo, segundo levantamento do *World Female Imprisonment List*. Em 2022, eram mais de 40 mil mulheres e meninas presas em regime provisório ou condenadas, sendo 62% mulheres negras, de acordo com o Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Por isso, é fundamental fazermos uma reflexão sobre formas de utilizar a arte e a cultura como ferramentas de transformação social, promovendo a democratização do acesso da população

feminina encarcerada a diferentes atividades. Tal abordagem requer um olhar específico, direcionado a um grupo extremamente vulnerável que, historicamente, é excluído do pensamento em torno das políticas culturais no país.

Utilizando como exemplo a atuação do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, trata-se de um equipamento cultural diferenciado por ser integrante da estrutura do Poder Judiciário, estando ligado ao Tribunal Regional Federal 2ª Região. Dentro do escopo dos projetos desenvolvidos, a maioria acontece dentro da instituição. Em 2023, o CCJF rompeu os muros que o separam das ruas e iniciou uma série de ações visando dialogar com públicos que têm pouco ou nenhum acesso a espaços culturais.

Uma delas é o projeto *LibertArte*, que leva sessões de cinema e atividades de corpo a dois presídios femininos da cidade do Rio de Janeiro, Talavera Bruce e Oscar Stevenson. Ele é fruto de um acordo de cooperação inédito assinado entre o CCJF e a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro (SEAP RJ). A curadoria e produção dos cineclubes é realizada em parceria com a *Mostra Geração do Festival do Rio*, e o projeto de dança *Corpo, Gesto e Afeto*, com professoras da UFRJ e da UFF.

Apesar de recente, os resultados do projeto já são visíveis nos depoimentos das participantes. Uma delas declarou que a dança sempre a “ajudou a lidar com a depressão e ansiedade”; outra disse que “a iniciativa é libertadora para o corpo e a mente”. Além de democratizar o acesso à arte e cultura, espera-se que essas atividades funcionem, inclusive, como um possível caminho de reinserção no mercado de trabalho, afinal são muitas as oportunidades de atuação nesse setor.

Os direitos e condições para a criação e fruição cultural por grupos vulneráveis são conquistas a serem alcançadas aos poucos. É uma pauta na qual gestores e instituições culturais podem (e devem) assumir o protagonismo. Desta forma, acreditamos que justiça e cultura devem caminhar juntas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

Essa mensagem foi enviada para imprensa.cjcf@trf2.jus.br por imprensa.cjcf@trf2.jus.br
Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 20040-009, Brazil

Verificação de Remoção de Subscrição™ [Remover Inscrição](#) | [Gerir Subscrição](#)



This is a Test Email only.

This message was sent for the sole purpose of testing a draft message.